

August Willemssen e a recriação em neerlandês de *Primeiras estórias*, de João Guimarães Rosa¹

Walter Carlos Costa²

POET/Universidade Federal do Ceará

PGET/Universidade Federal de Santa Catarina

CNPq

Resumo: O presente artigo examina a tradução de *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, para o neerlandês, realizada por August Willemssen e publicada em 1977. Essa tradução constitui um capítulo fascinante da acidentada história da transposição do mundo rosiano para outras línguas. Willemssen segue, em sua tradução, seu método próprio, de tipo etnográfico, que ele sintetizava de acordo com o princípio de que “não se deve traduzir um livro, mas um escritor, mesmo que dele se traduza só uma obra” (WILLEMSSEN, 1996, p. 63). Tal como aconteceu em suas outras traduções, Willemssen acompanha sua tradução de *Primeiras estórias* de um posfácio. Nesse posfácio de 12 páginas, Willemssen discute suas estratégias tradutórias, que ele compara com as traduções então existentes para o inglês e para o alemão. Aproveita também para fazer uma apresentação da obra, dialogando com a crítica existente naquele momento e expõe sua concepção pessoal da literatura rosiana e dos procedimentos temáticos, com destaque para o maravilhoso apresentado através animais, crianças e loucos. Para Willemssen, a atenção rosiana às palavras está diretamente ligada à concepção rosiana das coisas. Recorda que Rosa tem sido acusado de mero virtuosismo linguístico, mas afirma que, na maioria dos casos, o experimento linguístico está ligado ao tratamento temático, por mais que, à primeira vista, pareça gratuito. O artigo conclui que o enfoque de Willemssen se caracteriza pela criatividade e pela flexibilidade, já que nem sempre segue as inovações de Rosa. Muitas vezes, normaliza uma expressão idiossincrática

-
- 1 Este texto surgiu como comunicação, primeiro, sob o título “A invenção de Primeiras estórias em holandês”, no Colóquio Internacional Guimarães Rosa, realizado em 10-12/04/2006, no Teatro Renascença, em Porto Alegre. Foi reapresentado, reformulado, como comunicação, sob o título “August Willemssen e a recriação em neerlandês de *Primeiras estórias*, de João Guimarães Rosa”, na International Conference on Translation Studies: New Directions, realizada em 01-02/06/2006, na Universiteit Utrecht, Holanda. Agradeço a generosa intermediação de Regina Zilberman com os organizadores do evento, que me permitiu participar desse evento, no qual pude conhecer vários pesquisadores internacionais sobre a literatura lusófona, assim como tradutores de literatura portuguesa e brasileira para o neerlandês. Finalmente, esse texto deveria fazer parte de um número especial da revista *Cadernos de Tradução*, da PGET/UFSC, que acabou não acontecendo. Essa viagem a Utrecht me permitiu ainda rever August Willemssen, de quem eu me tornara amigo em 1982 e que eu não revia há alguns anos. Willemssen, que na ocasião estava preparando suas últimas traduções (de Camões e Bocage), viria a falecer prematuramente em 2007. A presente é uma versão revista, ampliada e atualizada, tendo em conta a bibliografia mais recente.
 - 2 Doutorado em Inglês, University of Birmingham. Bolsista de produtividade em pesquisa C1, CNPq.

de Rosa, mas, em seguida, volta ao tom rosiano com neologismos próprios ou com inventivas combinações sintáticas e morfológicas, tirando proveito dos recursos do neerlandês. Não seguindo automaticamente o texto-fonte, e empregando a intuição literária e o bom senso, Willemssen consegue ser bastante exato e recriar o tom rosiano ao longo de todo o texto. Palavras-chave: João Guimarães Rosa. August Willemssen. *Primeiras histórias*. Tradução. Literatura brasileira.

O ano de 2006 marcou o cinquentenário da publicação de *Grande Sertão: Veredas* e de *Corpo de Baile*. O primeiro título, sobretudo, representou um verdadeiro terremoto na literatura brasileira, provocando reações contraditórias, do maravilhamento à rejeição mais radical. Nos anos seguintes, Rosa, que estreara com os contos de *Sagarana* em 1946, continuará exercendo seu poder criativo em volumes de narrativas breves, o mais rico deles sendo, para grande parte da crítica, *Primeiras histórias*, publicado em 1962. A tradução desse livro, talvez o menos controverso do autor, para o neerlandês, constitui um dos capítulos mais fascinantes da acidentada história da transposição do mundo rosiano a outras línguas. Que a espetacular, e minuciosa, recriação tenha acontecido em uma língua como o neerlandês certamente teria agradado o criador de Miguilim, apaixonado que era por línguas, antigas e modernas, orientais e ocidentais, internacionais, nacionais e locais.

Sabemos que o estudo das traduções pode auxiliar poderosamente na compreensão de certos fenômenos culturais, e isso é especialmente válido no caso das grandes obras literárias, não raro opacas na língua em que nasceram. Walter Benjamin (BENJAMIN, 2001, p. 193), entre outros, assinalou a importância de a tradução para o pleno desabrochar do original. Vista em termos universais, a criação em uma língua de uma grande obra é apenas o primeiro passo em sua trajetória pelo mundo. Jorge Luis Borges, com sua perspicácia e ironia habituais, chegou a exaltar seu “oportuno desconhecimento do grego” (BORGES, 1974, p. 240), que lhe permitia ler não uma *Odisseia* e uma *Ilíada*, mas uma verdadeira biblioteca de *Odisseias*

e *Ilíadas*, em diferentes línguas e nos variados estilos de época e autor.

As venturas e desventuras da obra rosiana em línguas estrangeiras não são desconhecidas dos estudiosos de Rosa e da tradução, como mostra o interesse despertado pela correspondência com seus tradutores. Contudo, se Edoardo Bizzarri e Curt Meyer-Clason, seus tradutores para o italiano e para o alemão, são conhecidos e apreciados, e até sobrevalorizados, o mesmo não acontece com August Willemssen, seu tradutor para o neerlandês. E talvez seja em neerlandês que o criativo e multifacetado idioleto rosiano encontrou sua mais inspirada encarnação³.

Originalmente, Willemssen era um professor universitário, que se especializou em literaturas de língua portuguesa. O mero professor universitário se transformou, em poucos anos, em um dos tradutores mais reconhecidos da Holanda e, em seguida, em um de seus melhores escritores.

Anne Lopes Michielsen fez um sumário compreensivo do peso quantitativo e qualitativo da produção tradutória de Willemssen em língua neerlandesa:

O tradutor e escritor August Willemssen (1936-2007) foi, provavelmente, o tradutor mais importante da literatura de língua portuguesa da Holanda. Em 1970, surgiu sua primeira tradução, *Meesters der Portugese vertelkunst* [Mestres da Arte Narrativa Portuguesa], que marcou o início de uma longa série de traduções e, sobretudo, um grande aumento no número de traduções dessa área linguística. Durante 37 anos, Willemssen esteve ativo como tradutor do português e um total de 62 traduções foram publicadas, incluindo uma póstuma e uma em colaboração com

3 Entre 2006 e os dias atuais, a situação melhorou em relação à tradução de *Primeiras estórias* para outras línguas. Entre as novas traduções, merece especial destaque a de Inês Oseki-Dépré: *Premières histoires*. Paris: Métailié, 1982. A própria tradutora, que é também uma das grandes pesquisadoras em estudos da tradução, retrace a movimentada história de sua tradução no artigo “Uma recepção francesa de *Primeiras Estórias* (1962) de João Guimarães Rosa”, *Revista de Letras*, UFC, v. 2 n. 40 (2021), pp. 55-72. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/72386>. Acesso em 01/08/22.

Harrie Lemmens, o que representa mais de 16,5% de todas as obras do traduzidas do português para o neerlandês no período 1895-2013. Entre essas obras, estão 2 da África, 32 do Brasil e 28 de Portugal. Willemsen traduziu tanto prosa como poesia, e seu amor pela literatura brasileira e pela poesia do português Fernando Pessoa, em particular, teve uma grande influência no campo literário holandês.⁴ (MICHELSEN, 2014, p. 41).

Especificamente em relação à literatura brasileira, vale a pena retratar, em grandes linhas, a carreira de Willemsen como tradutor. No início, ele fez pequenas traduções publicadas em modestas *plaquettes* de seus poetas brasileiros preferidos: Drummond, Bandeira e João Cabral de Melo Neto. Também em forma de *plaque*, saiu sua primeira incursão na obra de Guimarães Rosa: *A hora e a vez de Augusto Matraga*. Depois, conseguiu publicar uma grande antologia de Drummond. Imediatamente em seguida, traduziu uma série incrível de autores brasileiros, entre outros, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Dalton Trevisan, Antônio Torres, Chico Buarque de Holanda, Ledo Ivo e Ferreira Gullar.

Paralelamente à sua obra de tradutor, Willemsen foi construindo uma obra própria. Nesta se destacam dois livros sobre o Brasil. O primeiro, em 1985, é *Braziliaanse brieven* [Cartas brasileiras]. São particularmente tocantes, e importantes para a história cultural brasileira, os retratos que traça de autores considerados tímidos e difíceis, como Dalton Trevisan e Drummond de Andrade, aos quais, aliás, teve amplo acesso. O segundo livro próprio, *De Goddelijke Kanarie* [O canário divino], uma emocionada

4 “Vertaler en schrijver August Willemsen (1936-2007) is wellicht de belangrijkste vertaler geweest voor de Portugeestalige literatuur in Nederland. In 1970 verscheen zijn eerste vertaling *Meesters der Portugese vertelkunst* wat het begin betekent van een lange reeks maar vooral van een grote toename in het aantal vertalingen uit dit taalgebied. Gedurende 37 jaar was Willemsen actief als vertaler uit het Portugees en in totaal zijn 62 vertalingen van zijn hand uitgegeven, waarvan één postume en één in samenwerking met Harrie Lemmens, wat ruim 16,5% is van alle in het Nederlands vertaalde werken uit het Portugees in de periode 1895-2013. Dit betreffen 2 werken uit Afrika, 32 uit Brazilië en 28 uit Portugal. Willemsen vertaalde zowel proza als poëzie en met name zijn liefde voor de Braziliaanse literatuur en voor de poëzie van de Portugees Fernando Pessoa heeft veel invloed gehad in het Nederlandse literaire veld.” (MICHELSEN, 2014, p. 41).

história do futebol brasileiro, de que Willemssen era grande conhecedor.

Especificamente em relação a Guimarães Rosa, além da *plaquette* citada anteriormente, Willemssen traduziu dois livros: *Primeiras estórias*, em 1977, dez anos após a morte de Rosa, quando o tradutor tinha 41 anos, e *Grande Sertão Veredas*, em 2001, quando o tradutor tinha 65 anos e estava em plena maturidade como escritor. Ambos os livros, como o conjunto de sua obra, tanto de tradutor como de autor, foram muito bem recebidos pela crítica e pelo público.

Duas das características importantes de Willemssen como tradutor parecem ser a liberdade (só traduziu textos que admirava) e a alta disciplina com que encarou seu ofício, refletida em uma produção contínua através dos anos, não interrompida nem mesmo quando sua obra própria alcançou grande sucesso editorial. Trata-se, portanto, de um tradutor com um plano consistente de traduzir o que considera ser os melhores textos, do ponto de vista estético, das literaturas lusófonas. Essa seleção, em parte, coincide com a opinião da crítica, e até da tradição, e, em parte, reflete suas preferências pessoais, como no caso do poeta brasileiro Ledo Ivo, que ocupa um lugar mais importante no cânone pessoal de Willemssen do que no da crítica brasileira atual. Poderíamos dizer que o projeto tradutório de Willemssen se assemelha mais ao dos grandes tradutores do romantismo alemão do que aos dos tradutores contemporâneos. Isso parece refletir uma consciência aguda de que está, com suas traduções, contribuindo para enriquecer o neerlandês como língua literária.

Esse projeto envolve uma poética do traduzir que, por sua vez, é também uma ética, refletida na prática constante de incluir um pequeno glossário e um posfácio (não um prefácio) em suas traduções.⁵ Estando em Florianópolis, em outubro de 1984, Willemssen proferiu, na Pós-Graduação de Literatura da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, uma

5 Ver a respeito o minucioso estudo de Yaemi Natumi: “*Não traduzo um poema mas um poeta*”: Poética tradutória externa de August Willemssen. dissertação de mestrado, Universiteit Utrecht, 2013.

palestra sobre a tarefa do tradutor, pessoalmente intitulada “O autor da obra alheia”, que foi publicada na revista *Fragmentos* do Departamento de Língua e literatura estrangeiras dessa mesma universidade. Nessa palestra, ele detalha o seu método, que seguiu rigorosamente de tradução a tradução:

O tradutor tem de conhecer o país do escritor, até a região ou cidade do escritor e as particularidades linguísticas correspondentes. Tem de saber sobre a época do escritor, a história e a literatura de seu país, bem como a eventual tradição literária em que se situa o escritor. Não adianta ter lido só o livro que pretende traduzir, pois acho que não se deve traduzir um livro, mas um escritor, mesmo que dele se traduza só uma obra. É preciso saber o que o autor leu, quais as suas preferências literárias, o que se escreveu a seu respeito. E preciso saber como as pessoas de seu país convivem, quais as relações entre homem e mulher, qual o cheiro do país, não só o cheiro de arquivos, bibliotecas e livrarias, mas também o cheiro das ruas, das pessoas, da comida, da bebida, tudo (WILLEMSSEN, 1986, p. 63).

Esse programa foi seguido à risca por Willemsen em relação a Guimarães Rosa e, especificamente, a *Primeiras estórias*, como tentarei mostrar a seguir. Ele, de fato, conhece o país do escritor, o Brasil, onde esteve repetidas vezes. Conhece também a região e a cidade do escritor, tendo estado em Minas Gerais, especificamente na região que serve de cenário para a ficção rosiana. Esse zelo etnográfico aparece na capa de *Derde oever van de rivier* [A terceira margem do rio], que reproduz uma foto tirada pelo próprio Willemsen da região dos gerais, no norte de Minas, com um rio e a típica paisagem do cerrado, que ocupa um lugar importante na literatura de Guimarães Rosa.

Willemsen conhecia também, como poucos, “a época do escritor, a história e a literatura de seu país, bem como a eventual tradição literária em que se situa o escritor” (WILLEMSSEN, 1986, p. 63). Em suas várias visitas

ao país, Willemsen pôde conhecer, em primeira mão, a literatura brasileira, tanto através de livros como através do contato pessoal com escritores, críticos e jornalistas. Parte dessa história está contada, com rigor e humor, em *Cartas brasileiras*. Conhece também a história brasileira, inclusive a contemporânea, e a história da literatura brasileira, sobretudo a da geração de Rosa. Também conhece não apenas a obra que traduziu, nesse caso, *Primeiras estórias*, mas toda a obra de Guimarães Rosa e, de fato, traduz Guimarães Rosa, e não apenas *Primeiras estórias*, como o leitor atento pode comprovar ao ler as suas traduções de *A hora e vez de Augusto Matraga* e de *Grande Sertão: Veredas*. Em outras palavras, nos três textos de Rosa que Willemsen traduziu está presente a preocupação de traduzir, junto à especificidade da obra, a especificidade do autor.

Willemsen cumpre também com a outra exigência, mais árdua, que preconiza para os tradutores: “É preciso saber o que o autor leu, quais as suas preferências literárias, o que se escreveu a seu respeito” (WILLEMSSEN, 1986, p. 63). Ter lido, com atenção, toda a obra de Rosa já é em si algo admirável e que a maior parte dos brasileiros cultos, normalmente, não faz. Saber suas preferências literárias não é tão difícil, já que isso está muito bem documentado e, hoje, facilmente acessível em numerosos sites. Mas ler o que se escreveu a respeito de Rosa constitui uma tarefa mais exigente, já que existe no Brasil uma “indústria Guimarães Rosa”, como existe uma indústria James Joyce, que produziu centenas de teses, dissertações, artigos e livros e continua muito ativa. E “saber o que o autor leu” tampouco é empresa leve, pois Rosa era um grande e heterodoxo leitor, que devorava desde clássicos gregos e modernos até místicos como o flamengo Jan van Ruysbroeck e filósofos como Plotino.

A parte erudita é, por si só, bastante trabalhosa, mas Willemsen não para aí. Seguindo certa tradição, sobretudo anglo-saxônica, ele sublinha a importância do conhecimento prático, direto, como a paisagem e as pessoas reais. Willemsen, em seus périplos brasileiros, tentou entender

como as pessoas de carne e osso viviam, em que condições, o que inclui os mínimos detalhes da vida cotidiana.

A poética da tradução de Willemsen vai mais além dessas difíceis exigências iniciais. Ela supõe um programa estético muito sofisticado, que aparece parcialmente explicitada nos posfácios e se encontra, na maioria das vezes, devidamente disfarçado, no texto traduzido.

Primeiras estórias, ou De derde oever van de rivier

Passo agora a examinar o livro *De derde oever van de rivier* [A terceira margem do rio]. No momento de sua publicação, existiam já as traduções norte-americana e alemã para *Primeiras estórias*. A primeira, de Barbara Shelby, de 1968, se intitulava *The Third Bank of the River*, começando uma operação metonímica para a escolha do título, que seria prosseguida por Kurt Meyer-Clason, que intitulou a sua tradução de *Das dritte Ufer des Flusses*, e também por Willemsen.

Tal como acontece em suas outras traduções, Willemsen acompanha sua tradução de *Primeiras histórias* de um posfácio. O posfácio faz parte de sua política de tratar os assuntos de tradução com acuidade, mas sem chamar demais a atenção para o tradutor. O posfácio se torna, então, o melhor lugar para a discussão não apenas de suas estratégias tradutórias e da eventual crítica a outros tradutores, mas também para uma apresentação da obra. Esta apresentação está longe de ser somente encomiástica. Escrita em uma língua límpida, isenta de jargão, abunda em observações finas, que, em parte, coincidem com o que a melhor crítica produziu e em parte constituem uma leitura bastante singular.

Para Willemsen, os personagens de *Primeiras estórias* não são mais típicos do Brasil do que de qualquer outro país. Eles formam uma categoria de seres que possuem acesso direto ao maravilhoso: animais, crianças e loucos. Willemsen acredita que esses contos curtos são diferentes dos

contos anteriores de Rosa, que são também muito mais longos. Daí, explica, o *Primeiras* do título. Um lugar especial nesta nova modalidade, segundo Willemssen, é ocupado pelos loucos, que, em suas contos, constituem o tema, direto ou indireto, de 8 dos 21 contos do volume. No entanto, esses loucos, como os loucos dos contos de fadas, possuem frequentemente uma aura de “sabedoria perdida” e “até de santidade” (WILLEMSEN, 1977, p. 175). Willemssen assinala ainda que, em *Primeiras estórias*, são tênues os limites entre sanidade e loucura, citando, a propósito, a frase do conto “A terceira margem do rio”: “Ninguém é doido. Ou então, todos.” (ROSA, 1995, p. 412)

O parentesco de *Primeiras estórias* com o mundo dos contos de fada reflete, segundo Willemssen, uma atitude de vida do próprio Rosa e é o que, apesar de sua diversidade, empresta unidade às 21 histórias do livro. Cada conto é a história de um acontecimento. E a todo instante estão acontecendo maravilhas e, se não as vemos, é por falha nossa.

Ao mesmo sentimento de vida, que considera não trágico, mas mágico, Willemssen atribui uma atenção constante:

Atenção com tudo, sobretudo e a cada momento. Não há no mundo hierarquia na importância das coisas. O menor detalhe da vida cotidiana, apenas pela atenção, é aumentado em proporções exageradas. A intensificação da percepção leva a descrições de objetos, cenários, pessoas, situações, em que as fórmulas consagradas são ampliadas, corrigidas, tornadas mais exatas e em que coisas que já têm nome são novamente nomeadas. (ROSA, 1984, p. 176)⁶

6 “Aandacht voor alles, overal en op elk ogenblik. Er is op de wereld geen hiërarchie in de belgankelijkheid der dingen. Het kleinste detail van het alledaagse kan, enkel door aandacht, tot overdreven lijkende proporties worden vergroot. Deze intensifiëring van de waarneming leidt tot beschrijvingen van voorwerpen, omgevingen, mensen, situaties, waarin gedane formuleringen tot uitputtens toe worden aangevuld, gecorrigeerd, gepreciseerd, waarin dingen die reeds een naam hebben steeds opnieuw worden benoemd.” (ROSA, 1984, p. 176)

Para Willemsen, a atenção rosiana às palavras está diretamente ligada à concepção rosiana das coisas. Recorda que Rosa tem sido acusado de mero virtuosismo linguístico mas afirma que, na maioria dos casos, o experimento linguístico está ligado ao tratamento temático, por mais que, à primeira vista, pareça gratuito. Podemos dizer que o grau de atenção ao heterodoxo uso rosiano da língua constitui um ponto importante quando avaliamos a maestria relativa dos diferentes tradutores. Willemsen considera o caso, muito ilustrativo, do conto “Sequência”. Para ele, é preciso sempre o maior cuidado com os títulos, que considera serem, com frequência, quinta-essenciais. Para ele *sequência*, no caso, significa várias coisas ao mesmo tempo: consequência, seqüência, perseguição, seqüência no sentido musical (melodia paralela repetida em diferentes graus de escala). Critica, embora sem ânimo polêmico e com tom isento, a escolha da tradutora norte-americana para o título do conto:

É claro que a tradução inglesa, “Cause and effect”, é insuficiente. Há, de fato, uma causa (uma vaca fugida) e um efeito (encontro rapaz-moça), mas há, sobretudo, uma seqüência: o paralelo entre o conhecido amor pela vaca pelo pasto dela e o ainda desconhecido amor do rapaz pela ainda inencontrada moça. A palavra holandesa *sequentie* significa seqüência (a meu ver seu principal componente semântico) e evoca, por associação, consequência, sucessão, perseguição. Vemos aqui que a temática de Rosa tem consequências sobre seu uso da língua. (ROSA, 1984, p. 179)⁷

7 “Het is duidelijk dat de Engelse vertaling *Cause and effect* hier te kort schiet. Er is inderdaad een oorzaak (weggelopen koe) en een gevolg (ontmoeting jongen-meisje), maar er is bovendien een opvolging van gebeurtenissen, een achtervolging en, vooral, een sequens: de parallel tussen de geweten liefde van de koe voor haar weide en de nog ongeweten liefde van de jongen voor het nog te ontmoeten meisje. Het Nederlandse woord *sequentie* betekent sequens (mijns inziens de belangrijkste semantische component), en herinnert langs associatieve weg aan consequentie, opeenvolging, achtervolging. We zien hier dat Rosa’s thematiek gevolgen heeft voor zijn taalgebruik.” (ROSA, 1984, p. 179)

No final do conto, há um espinhoso e particularmente inspirado neologismo, daqueles que fazem o fascínio dos rosófilos: “Inesperavam-se?”. Para *inesperavam*, neologismo rosiano, Willemsen cunha um neologismo análogo: “Onverwachten ze elkaar?” [Inesperavam eles uns aos outros?].

Esse cuidado com a palavra isolada se repete também nos sintagmas, frases e parágrafos. Willemsen comenta um sintagma bem rosiano, do narrador do conto “Nada e a nossa condição” falando do personagem Tio Man’Antônio:

[...] então, é frustrante ler na tradução americana: “his eyes traveling across the landscape”. Claro, é o que todo mundo diria. Mas Rosa, meu Deus, diz exatamente: “Passou a paisagem pela vista”. Não o contrário. Com isso, ele traduz a passividade do homem perante a paisagem, depois da morte de sua mulher. (ROSA, 1984, p. 179)⁸

O próprio Willemsen traduz, rosianamente, a passagem por “Hij liet het landschap over zijn ogen gaan” [ele deixou a paisagem passar por seus olhos].

Willemsen sumariza seu enfoque do texto rosiano, e, em consequência, sua maneira de traduzi-lo, da seguinte forma:

A dificuldade de Guimarães Rosa, que frequentemente se esconde em expressões ambíguas, enigmáticas e obscuras, é intencional e uma consequência direta de sua atitude de vida: para ele, todo momento na vida, mesmo o mais trivial, é de uma imprevisível complexidade. Por isso, é preciso que o crítico seja cuidadoso em suas explicações e, por isso, o tradutor não deve escolher. Toda dúvida deve ficar para o

8 “[...] dan is het teleurstellend in de Amerikaanse vertaling te lezen: his eyes traveling across the landscape. Inderdaad, zo zou iedereen zeggen. Maar Rosa zegt juist, goddome: ‘Hij liet het landschap over zijn ogen gaan.’ Niet andersom. Daarmee vertalend de passiviteit waarmee de man, na de dood van zijn vrouw, tegenover het landschap staat.”

leitor. (ROSA, 1984, p. 180)⁹

Para concluir, podemos afirmar que o enfoque de Willemsen se caracteriza pela criatividade e pela flexibilidade. Assim, Willemsen nem sempre segue as inovações de Rosa ou, pelo menos, nem sempre no mesmo lugar. Muitas vezes, normaliza uma expressão idiossincrática de Rosa, mas, em seguida, volta ao tom rosiano com neologismos próprios ou com astutas combinações sintáticas e morfológicas, tirando proveito dos recursos do neerlandês. Não seguindo automaticamente o texto fonte, mas empregando a intuição literária e o bom senso, Willemsen consegue ser bastante exato e recriar o tom rosiano ao longo de todo o texto traduzido.

Referências

BANDEIRA, Manuel. *Gedichten*. Keuze, vertaling en nawoord van August Willemsen [Seleção, tradução e posfácio de August Willemsen]. Leiden: De Lantaarn, 1983.

BEATO, Zelina Márcia Pereira. “Willemsen Antropofágico: o criador da literatura brasileira na Holanda”. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 12 (3), setembro 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/VyTxQBV6zJsRCJYzxP4qGxj/?lang=pt>. Acesso em: 05 ago. 2022.

BENJAMIN, Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor”. In: HEIDERMANN, Werner (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução Alemão-Português*. Florianópolis: NUT/UFSC, 2001.

9 “De moeilijkheid van Guimaraes Rosa, die vaak schuilt in het dubbelzinnige, vage, raadselachtige en het onduidelijke der contouren, is opzettelijk, en een rechtstreeks gevolg van Rosa’s levensgevoel: voor hem is immers elk moment in het leven, ook het meest triviale, van onoverzienbare ingewikkeldheid. Daarom moet de criticus voorzichtig zijn met duiden, en moet de vertaler vooral niet kiezen. Alle twijfel is voor de lezer.” (ROSA, 1984, p. 180)

BORGES, Jorge Luis. “Las versiones homéricas”. In: *Obras Completas 1923-1972*, Buenos Aires: Emecé, 1974, p. 239-243.

MELO NETO, João Cabral de. *Gedichten*. Keuze, vertaling en nawoord van August Willemssen. [Seleção, tradução e posfácio de August Willemssen]. Leiden: De Lantaarn, 1984.

NATUMI, Yaemi. “Não traduzo um poema mas um poeta”: - Poética tradutória externa de August Willemssen, 2013, 261f. Dissertação (Mestrado em Educação em Língua e Cultura Portuguesa). Universiteit Utrecht, 2013. Disponível em: <https://studenttheses.uu.nl/bitstream/handle/20.500.12932/14780/MYaemiDEF%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 09 ago. 2022.

MICHIELSEN, Anne Lopes. *Salazar, de pannenlikker. Over het vertalen van cultuurspecifieke elementen en de houding van Nederland ten opzichte van drie Portugeestalige culturen* [Salazar, a espátula. Sobre a tradução de elementos culturais específicos da cultura e a atitude da Holanda em relação a três culturas de língua portuguesa], dissertação de mestrado, Universiteit Utrecht, 2014. Disponível em: <https://studenttheses.uu.nl/handle/20.500.12932/19231>. Acesso em 10 ago. 2022.

OSEKI-DÉPRÉ, I. “Uma recepção francesa de Primeiras Estórias (1962) de João Guimarães Rosa”. *Revista de Letras*, Florianópolis, v. 2 n. 40, p. 55-72, nov. 2021. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/72386>. Acesso em 1 ago. 2022.

ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*, v.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

ROSA, João Guimarães. *De derde oever van de rivier*. Vertaling en nawoord August Willemsen [Tradução e posfácio de August Willemsen]. Amsterdam: Meulenhoff, 1984.

ROSA, João Guimarães. *Het uur en ogenblik van Augusto Matraga* [A hora e o momento de Augusto Matraga]. Vertaling van August Willemsen [Tradução e posfácio de August Willemsen]. Leiden: De Lantaarn, 1983.

WILLEMSSEN, August. O autor da obra alheia. *Fragmentos*: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v.1, n.1, p. 53-65, jan.-jun. 1986.

August Willemsen and the Recreation in Dutch of João Guimarães Rosa's Primeiras estórias

Abstract: This article examines the translation of Guimarães Rosa's Primeiras estórias into Dutch by August Willemsen, published in 1977. This translation constitutes a fascinating chapter in the eventful history of the transposition of Rosa's world into other languages. Willemsen follows his own ethnographic method in his translation, which he summarised in the principle that "one should not translate a book, but a writer, even if one translates only one of his works" (WILLEMSSEN, 1996, p. 63). As with his other translations, Willemsen accompanies his translation of First Stories with an afterword. In this 12-page afterword, Willemsen discusses his translation strategies, which he compares to the then-existing English and German translations. He also presents the work, discusses the criticism existing at that time and exposes his conception of Rosa's literature and the thematic procedures, emphasising the marvellous in animals, children and madmen. For Willemsen, Rosa's attention to words is directly linked to the Rosian conception of things. He recalls that Rosa has been accused of mere linguistic virtuosity but argues that, in most cases, the linguistic experiment is connected to the thematic treatment. The article concludes that Willemsen's approach is characterised by creativity and flexibility since he does not always follow Rosa's innovations. In some contexts, he normalises an idiosyncratic expression of Rosa. Still, he returns to the Rosian tone with

his neologisms or with inventive syntactic and morphological combinations, taking advantage of the resources of the Dutch language. By not automatically following the source text and employing literary intuition and common sense, Willemssen manages to recreate the Rosian tone throughout the text.

Keywords: João Guimarães Rosa. August Willemssen. Primeiras estórias. Translation. Brazilian literature.

Recebido em: 14/08/2022

Aceito em: 29/11/2022